

GUERRA PSICOLÓGICA (*)

Alm. MURILO VASCO DO VALE E SILVA

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

PODER NACIONAL

O tema da nossa dissertação é a GUERRA PSICOLÓGICA, seus implementos e sua posição na conceituação geral da guerra moderna.

O Poder Nacional é a expressão integrada dos meios de toda ordem de que dispõe efetivamente a Nação, numa época considerada, para promover no âmbito interno e na esfera internacional, a conquista e manutenção dos objetivos nacionais, a despeito de antagonismos existentes.

Da mesma forma que o poder do homem é condicionado pela sua maneira de ser, em mente, espírito e corpo, pela sua posição em relação a outros homens e às posses destes, o Poder Nacional é condicionado pelo que esta nação é em seu povo e em sua consciência nacional; pelo que ela possui em território e recursos materiais; pela sua posição em relação a outras nações. Sem povo e sem consciência nacional não haverá nação. Sem recursos materiais e sem capacidade para usá-los, não haverá Poder.

O Poder Nacional pode ser decomposto em dois grandes grupos de fatores: fatores materiais ou objetivos e fatores psicológicos ou subjetivos.

Por fatores psicológicos se designam os pensamentos e sentimentos do povo, suas crenças e teorias, suas concepções do bem e do mal, do certo e do errado, seus propósitos e intenções, seus ideais — isto é, aquilo que forma a sua mente e constitui a sua filosofia de vida. Por fatores materiais são designados os recursos naturais, a tecnologia, os transportes, a capacidade industrial, as forças armadas, enfim os demais fatores que não se incluem na categoria anterior.

Feita esta decomposição, para fins de análise, uma vez que o Poder Nacional é íntegro, uno, e somente assim pode ter expressão, vamos procurar mostrar como reage um grupo sobre o outro e qual deles tem maior peso; como podem ser empregados os fatores puramente psicológicos no fortalecimento do Poder; em que medida os condutores de homens, os chefes civis e militares, dos mais variados escalões devem

(*) N. da R. — Palestra realizada no EME.

conhecer e utilizar os fatores de ordem psicológica, na execução de suas tarefas e no cumprimento de suas missões, seja na paz, seja na guerra. Não basta conhecer e utilizar esse conhecimento na sua contribuição como fatores de força, ou fraqueza, do nosso próprio poder. É necessário apreciar e saber em que medida eles afetam e criam vulnerabilidade, na formação dos antagonismos internos ou externos, estes caracterizados pelo Poder de outras nações que conosco competem, ou podem vir a competir, no campo internacional.

O professor George Sabine, da Universidade Cornell procurando demonstrar a importância, o papel decisivo dos fatores de ordem psicológica, cita um caso real, vivido e bastante simples, que nos dá uma visão bastante significativa. Diz ele que uma comissão da ONU foi enviada a uma certa nação africana para ensinar a plantar o milho, cereal básico da alimentação do povo e na época escasso na área considerada. Explicar o uso dos fertilizantes, como arar a terra, como semear os campos, como selecionar a semente, foi relativamente fácil: todos ouviram pacientemente e pareciam assimilar perfeitamente o que era dito. Mas, para que o pusessem em prática, foi necessário criar fazendas-modélo, onde, os técnicos da ONU, dirigindo os trabalhos dos nativos, alcançaram resultados extraordinários, bem acima da expectativa mais otimista. Foram, então, levados, os chefes dos vários distritos, ao local, para que pudessem ver e tocar o milho, obtido em campos até então improdutivos. O entusiasmo foi grande, e, após a visita, realizou-se uma grande assembléia de nativos, que aos técnicos parecia ser a consagração do bom êxito.

Com surpresa geral, no dia seguinte, o chefe do grupo indígena que obtivera os melhores resultados, foi morto, esquartejado e os pedaços de seu corpo enterrados nos campos de menor produtividade.

O que ocorreu? Na mente dos indígenas a explicação era clara; os poderes mágicos, com que havia sido investido o capataz, seriam transferidos aos campos. Não foram os técnicos, os implementos agrícolas e o trabalho orientado que produziram bons resultados, mas, unicamente, poderes misteriosos fizeram a "mágica".

A conclusão a tirar é que, estabelecendo uma linha de ação, administrando um processo qualquer, torna-se imperativo prever o que o homem isolado, ou o grupo, fará e dirigir o seu procedimento, a sua vontade, para o fim almejado. Tal vontade deve ser encarada sob seus aspectos psicológicos ou ideológicos.

Os nativos tinham a sua ideologia. Ideologia aqui entendida como o complexo de crenças, esperanças, aspirações, convicções, sobre o bem e o mal, preferências sobre o belo e o feio, teorias e mitos sobre a maneira porque as coisas ocorrem, ou deviam ocorrer, práticas ritualísticas e religiosas, noções de boas maneiras, precedências, liderança, prestígio e deferência.

Os nativos tinham a vontade, tinham os recursos materiais, mas a ideologia que os dominava surgia como obstáculo intransponível, impe-

dindo que as suas vontades fôsem orientadas, no sentido da escolha da linha de ação adequada à consecução do objetivo visado.

Muitas das idéias que o povo alimenta, tem pouca ou nenhuma base científica e algumas podem ser meramente especulativas, ou mitológicas e totalmente ilusórias, mas afetam profundamente o comportamento desse povo. Sob o ponto de vista da logica a ideologia é um corpo com as juntas frouxas. Sendo um produto de escolha e preferências, de teorias preconcebidas, de tentativas experimentais, e mesmo de improvisações, a ideologia encontra, continuamente situações que não pode explicar e fatos, cujas conseqüências não pode prever.

O homem é a essência, a base e a origem do Poder Nacional. Sem eles os elementos materiais não terão expressão.

De nada vale dispor de imenso território, recursos naturais em variedade e quantidade, se não houver o homem dotado de vontade esclarecida capaz de criar, transformar e usar os implementos, de tôda a ordem, de que necessita o Poder para se afirmar.

Mas o homem é corpo e espírito, é aptidão e vontade. Sem a vontade nada se cria, nada se move. É impulsionado pela vontade que o homem trabalha, estuda, aperfeiçoa e se torna apto para utilizar os elementos materiais a seu dispor. Os elementos psicológicos são a argamassa com a qual se constroem os blocos com que se vai armar a imensa estrutura que é o Poder Nacional. Não somente é indispensável para a confecção dos blocos, como, também, para manter os vários blocos unidos entre si, dando solidez e resistência à estrutura, capaz de resistir às pressões que sobre ela vão ser aplicadas.

Princípio e fim, o homem constitui a essência do poder. Mas, esse homem, corpo e mente, é vulnerável. Forças inúmeras podem sobre ele agir, transformando-o, modificando-o, estimulando-o e deprimindo-o. Não sobre o seu corpo, mas sobre a sua mente.

O corpo pode ser resguardado e protegido contra a ação de elementos externos ao seu ser. Mas, a mente não pára, não cessa de trabalhar, não repousa e não dorme. Em atividade contínua, está sempre recebendo influxos novos, novas experiências, impactos de fatos novos surgidos na luta cotidiana pela sobrevivência. Ela não pode ser isolada, segregada ou amortecida.

É esta mente, que constitui o objetivo das ações da chamada guerra psicológica. Dela vamos tratar a seguir.

A GUERRA PSICOLÓGICA surge no quadro geral da guerra moderna. A nomenclatura da guerra acompanha o progresso da ciência.

A ciência está em evolução, em franco desenvolvimento e progresso. Horizontes novos se abrem, designações surgem para novas descobertas, e novas modalidades de emprêgo de recursos e meios algo antigos. Dizer que a guerra psicológica é nova, será faltar à verdade. Dizer que a guerra psicológica não apresenta aspectos novos também, será faltar à verdade.

O Coronel George Lincoln, do Exército Americano, fazendo uma conferência sobre a natureza da guerra, na Escola de Estado-Maior da Marinha, assim se exprimiu: "a definição de termos é, neste exame, muito mais do que um simples exercício de semântica. O registro de um seminário realizado na Universidade de Colúmbia, mostra que após 4 anos de discussões, bissemanais, sobre a definição dos termos "paz" e "guerra" não se conseguiu chegar a um acôrdo".

Cita êle várias definições, como a de Sherman que dizia: "a guerra é o inferno", a do doutor Guiney Wright: "a guerra é a condição legal que permite a dois, ou mais, grupos hostis realizar um conflito de força armada"; a de um sociólogo: "a guerra é uma forma de conflito social"; "a guerra é um conflito entre governos, efetuado com violência" e muitas outras.

Os indivíduos são levados a interpretar e definir os fatos sociais em termos de sua própria profissão, conhecimentos e interesses, às vezes com omissão de certos aspectos básicos, não familiares.

O grande progresso das comunicações, a facilidade com que a palavra, escrita e falada, se irradia a todo o globo terrestre, colocou os grupos humanos em íntimo contato.

Fatos que ocorrem em Moscou, Londres ou Paris são imediatamente conhecidos em Pequim, Buenos Aires ou Nova Iorque. Grande intercâmbio de informações e opiniões se estabeleceu entre os homens. Outrora, os conhecimentos eram transmitidos através de obras, livros, trabalhos de especialistas, técnicos e estudiosos da matéria sobre a qual versavam. Hoje, são jornalistas, políticos, intelectuais de todos os níveis, que, na imprensa e no rádio, emitem conceitos, explicam ou complicam fatos, acentuam aspectos secundários em detrimento do principal, dizem o que pensam, ou o que não pensam e lhes convêm dizer. Não têm tempo para meditar, e freqüentemente depois do artigo pronto, ou do discurso lido, não mais voltam sobre a matéria, não modificam ou retificam as suas afirmações. Mas, na grande massa, do lado dos ouvintes ou leitores, a idéia se formou, a lembrança ficou, e estes dão como boas aquelas idéias, reproduzem-nas e freqüentemente deformam.

No mais espetacular fato social que se conhece, a guerra, aspectos emocionais perturbam os espíritos e confundem o raciocínio.

Surgem vocábulos novos, adjetivos acrescidos a vocábulos de conceituação clássica, que são repetidos, reiterados e passam ao uso corrente.

Quando, por qualquer motivo, sejam razões de ordem profissional, cultural ou mesmo simples especulação, meditamos sobre êste fato social, e suas designações, chegamos a conclusões embaraçosas: são impróprios os vocábulos, não podem ter a acepção que lhes foi dada, mãs, estão consagrados pelo grande público, e é impossível mudá-los. Resta o recurso de procurar esclarecer, situando a verdade no seu devido lugar, conceituando, relacionando fatos, enfim abrindo caminho, através o emaranhado de palavras, que nos leve a uma posição, de onde possamos descortinar horizontes mais nítidos e identificar semelhanças.

A Guerra Psicológica, objeto das nossas cogitações neste momento, é uma das "vítimas" da confusão criada pelo mau emprego do vocábulo "guerra".

O professor Paul Linebarger, em dezembro de 1950, fazendo uma conferência sobre Guerra Psicológica, assim a iniciou:

"Guerra Psicológica é o nome vulgar, pretensioso, que designa uma certa variedade de coisas".

E prossegue: "Vou tratar da Guerra Psicológica, embora na minha opinião não exista tal coisa. Como muitas outras expressões, trata-se de designação, algo pretensiosa e mesmo ridícula, da simples propaganda militar". "A propaganda tendo se tornado antipática, nos meios militares, pelas contínuas referências aos métodos nazistas de ante guerra, surgiu a designação de "guerra psicológica". Com o passar do tempo, provavelmente, outros nomes surgirão para designar aquilo que, desde tempos remotos, se conhece sob o nome de "propaganda".

Continua o professor Linebarger, dizendo que a guerra psicológica, não é guerra, nem psicológica. Não é guerra porque nela não há a violência material. Não é psicológica porque não se liga, coerente ou sistematicamente, à ciência psicologia. Quando a psicologia tem utilidade na guerra psicológica é somente de forma colateral, através sua contribuição para a propaganda. Termina dizendo que "jamais as unidades que fazem a guerra psicológica, foram comandadas por técnico, psicólogo, professor ou autoridade em psicologia".

Esta parte final talvez explique o algo de exagêro contido nas considerações do professor Linebarger.

Para os fins desta palestra torna-se necessário fixar o que entendemos como "guerra psicológica" ou a que nos referimos quando empregamos essa expressão.

Guerra psicológica é o uso planejado da propaganda, com o fim primordial de influir nas opiniões, emoções, atitudes e no comportamento dos grupos inimigos, neutros ou amigos, de tal maneira que eles venham a apoiar a realização dos nossos propósitos e objetivos nacionais.

Sob o ponto de vista militar pode ser decomposta em três partes:

- (a) *ação psicológica estratégica* empregada como elemento integrado e coordenado da estratégia;
- (b) *ação psicológica tática* orientada contra o pessoal inimigo, civil e militar, localizado na zona de combate de um teatro de operações, em apoio direto às operações de combate;
- (c) *ação psicológica de consolidação* dirigida sobre as populações amigas nas áreas de retaguarda, ou no território ocupado por forças amigas, com o propósito de facilitar as operações militares e obter a cooperação da população civil.

O objetivo final da guerra psicológica é apoiar a execução da política de consecução dos Objetivos Nacionais, ou de uma operação militar em

curso. As atividades de natureza psicológica, integradas nas operações de combate, contribuem para a consecução dos objetivos visados pelas operações, reduzindo a eficiência combativa do inimigo. Estas atividades constam de ações de exploração das vulnerabilidades políticas, econômicas, sociais e morais.

Estas atividades psicológicas visam facilitar a reorganização e o controle de áreas ocupadas ou liberadas, em conjunto com as atividades do governo militar em assuntos civis.

Também, visam, essas atividades, produzir efeitos cumulativos sobre opiniões, emoções, atitudes e conduta, das populações, o que em conjunto concorrerá para a vitória sobre o inimigo.

Esta é a idéia fundamental aceita e oficialmente adotada no Exército Americano, utilizada como base para a elaboração do manual de campanha, ora em vigor.

Estas considerações se referem apenas às ações psicológicas como um meio operacional supletivo da ação militar. Contudo, elas podem ser empreendidas, também, e o são com grande freqüência nos nossos dias, como uma categoria da ação política, em tempo de paz ou de guerra, e, juntamente com outras modalidades de ação, constituem parte integrante da guerra total.

A utilização do elemento psicológico não é nova, não é fruto da era moderna. Surgiu na história da humanidade desde que esta começou a ser escrita. Encontramo-la mencionada na Bíblia e em Homero: as trombetas de Jericó, o episódio de Judith e Holofernes, os feitos de Gedeão, etc.

Recentes descobertas, na Mesopotâmia, revelaram o episódio do rei Emmekar e o Senhor de Arata, ocorrido, segundo se estima, 5.000 anos antes de Cristo. Emmekar, ambicioso e ávido de conquistas, decidiu ocupar a cidade de Arata e incorporá-la a seus domínios. Para tanto planejou uma campanha em dois tempos. Enviou emissários ao Senhor de Arata, para aconselhá-lo a se render e assim evitar a efusão de sangue. Tal proposta foi rejeitada. Emmekar iniciou uma ação psicológica que, hoje, chamaríamos de guerra de nervos. Procurou infundir o terror na população de Arata. Interceptou as caravanas de víveres, arquinou o comércio, apreendendo as mercadorias que saíam da cidade. Isto, por prepostos seus, sem ostensivamente assumir a responsabilidade das ações. Mandou agentes praticarem atentados terroristas na cidade, enquanto outros responsabilizam o governo por tudo o que se passava, insinuando que os chefes eram desinteressados, inoperantes, incapazes e conluídos com os comerciantes que queriam obter lucros fáceis na venda dos víveres escassos.

Quando julgou bastante enfraquecida a autoridade local expediu caravana de mil camelos, com víveres e roupas para a população da cidade. Enquanto isto colaboradores seus diziam ao povo: "Olhai para Emmekar, êle nos ajuda e quer o nosso bem. Aceitai-o como chefe e assim terminarão os sofrimentos e será evitado derramamento de sangue".

As autoridades de Arata fugiram, expulsas pelo povo, e a cidade se entregou a Emmekar.

Não foi possível saber o que aconteceu aos habitantes de Arata.

Não há dúvida que os progressos da ciência e da tecnologia facilitaram extraordinariamente as ações psicológicas.

A ciência e a tecnologia vieram modificar a Guerra, de forma radical e substancial, na nossa época. Estas modificações afetaram as armas e os engenhos de destruição, transporte, e, principalmente, os instrumentos de ação no campo mental. Nestes últimos vinte anos a luta psicológica se integrou da guerra, de forma tal, que podemos dizer: "a guerra moderna é basicamente psicológica". Ela obedece a normas técnicas, vale-se de recursos da psicologia, da psiquiatria, da eletrônica, da eletrofisiologia, da neurofarmacologia, da antropologia cultural e outros conhecimentos que permitem estudar e aprofundar os estados emocionais e suas reações.

Os meios de ação, implementos da luta psicológica, incluem todos os veículos que se prestam a transmissão da idéia — palavra falada, escrita e a imagem —, vias de penetração na mente humana, em que a censura se torna cada dia mais difícil.

Nos nossos dias não se admite a possibilidade de ser desencadeada uma ação militar sem o preparo psicológico prévio de amigos e inimigos.

O general Ludendorf, estudando a guerra de 1914-1918, pesquisando como seria a próxima guerra, entre outras conclusões chegou à seguinte: "A participação na guerra de grandes massas humanas torna imperativo um grande esforço de propaganda, no sentido de proteger o moral nacional e enfraquecer a coesão política do adversário". Para Marx e Engels a guerra moderna tem natureza quádrupla — política, econômica, psicológica e, em última instância, militar.

Evidentemente os métodos, as técnicas, os meios, variam conforme os povos-objeto, as massas humanas visadas ou os próprios indivíduos que as compõem tomados isoladamente.

Embora existam normas gerais e regras, as técnicas e os meios variam muito. O engenho humano é fértil na utilização dos meios de engodo, e os elementos de que se dispõe, hoje, para agir na mente humana, para cindi-la, desintegrá-la, destruir a vontade, tolher a iniciativa, implantar o pânico, não têm limites praticamente. Derrotismo, entreguismo, pânico, enfraquecem a ação militar, ajudam a vitória, poupam vidas e são armas menos dispendiosas.

O emprêgo das armas psicológicas para que delas se possam colher os melhores resultados e vantagens exige dos oficiais encarregados de planejar, organizar, e desfechar as ações no momento propício e oportuno, um grande número de conhecimentos especializados.

Os encarregados dos assuntos psicológicos nas forças armadas precisam ter conhecimento da dinâmica cerebral; dos instintos, sobretudo de conservação, de defesa, de agressividade; dos reflexos condicionados; de picanálise; dos mecanismos de defesa, das lutas que se estabelecem

entre o consciente e o inconsciente do homem. Sem esses elementos, impossível se torna agir sobre os seus semelhantes, sobretudo quando se trata de optar entre a vida e a morte, o cumprimento do dever ou a deserção, a glória ou o opróbrio.

Ao demais, cumpre ainda, a esses responsáveis conhecer perfeitamente o adversário: a sua mentalidade, o caráter nacional, os preconceitos, os usos e costumes, a língua, a tradição histórica, a mística, as credences, a ideologia, o grau de sensibilidade, a capacidade de resistência, a convicção de estar ou não lutando por uma causa nobre e justa, a fim de utilizar todos esses elementos, e dêles tirar o melhor partido operacional.

Os psicólogos e psiquiatras militares deverão estar a par do homem e das suas condições psicológicas, das próprias forças, do seu povo, do moral da retaguarda, a fim de poder agir de forma rápida e drástica contra a ofensiva psicológica porventura desencadeada pelo inimigo.

O mundo não se acha dividido, apenas, por duas ideologias opostas, mas também por duas grandes escolas psicológicas e suas variantes, cujo conhecimento é indispensável, para se compreender e interpretar a guerra psicológica.

A *escola americana*, dita psicodinâmica, fundada nos conceitos de Freud, baseia-se nas forças antagônicas, representadas pelo consciente e o inconsciente. Para manter um equilíbrio na vida mental e estabelecer harmonia com o mundo exterior, sem que se verifiquem entrec choques e sem que se formem complexos, o cérebro humano realiza um trabalho contínuo, num esforço de autodefesa, que se convencionou chamar de *dinamismo*.

A *escola psicológica soviética* assenta-se nas descobertas do grande fisiologista russo Pavlov, dos chamados reflexos condicionados.

Partindo de experiências em animais e no próprio homem, chegou o fisiologista russo à conclusão de que todas as nossas funções, toda a nossa vida mental, subordinam-se a reflexos condicionados, resultantes de associações que se formam entre os diferentes centros nervosos, criados pelo ambiente e pelas impressões colhidas através dos sentidos. Assim é que o comportamento humano seria o resultado de reflexos condicionados, formados na córtice cerebral.

Os continuadores de Pavlov prosseguiram os seus estudos e criaram uma grande escola reflexológica. A educação, a instrução, o trabalho, a ciência, a tecnologia, os hábitos, a propaganda, a preparação militar dos russos, tudo se baseia nos princípios de Pavlov.

Uma vez formado o reflexo condicionado, tanto o animal como o homem agem, automaticamente, de acordo com o condicionamento estabelecido.

Verdade é, que empiricamente, sem conhecer a existência dos reflexos condicionados, o homem já havia reconhecido a importância do ritmo, dos brados de guerra, das marchas militares, no despertar da coragem e no desencadeamento da ação.

A estratégia psicológica russa funda-se nos reflexos condicionados, tanto na ofensiva, como na defensiva. Na ofensiva, procurando despertar o medo, o pânico, através a chamada estratégia do terror, na defensiva, submetendo o povo russo a um preparo reflexológico prévio, para evitar que se atemorize ante o ataque do inimigo, qualquer que seja a arma empregada.

GUERRA PSICOLÓGICA NA CONJUNTURA

PROPAGANDA

Um fator notável que caracteriza o mundo em que vivemos e distingue a nossa época, de todos os períodos históricos anteriores, é essa luta pelo domínio da mente humana, a que vimos nos referindo.

Durante o último terço de século estêve a humanidade envolvida em uma titânica luta ideológica que tem como prêmio a sobrevivência da civilização, e de todos os seus valores.

Os conceitos religiosos, econômicos, políticos e sociais que constituem os fundamentos da civilização ocidental têm estado sob violentos ataques.

O comunismo soviético, o nazismo alemão e o fascismo italiano, fundam a sua ação em uma filosofia de conquista e domínio do mundo. As doutrinas extremistas não visam apenas a conquista e a glória militar — como Alexandre, César, Gengis Khan e Napoleão — mas procuram a conquista e o domínio espiritual, moral e intelectual de toda a humanidade.

O comunismo soviético, sobrevivente da última grande guerra em que se afundaram o nazismo e o fascismo, enérgica e decididamente prossegue em sua ofensiva contra o corpo e a alma do homem.

As religiões devem ser eliminadas. A família dissociada e destruída. A propriedade privada abolida. Nações e Estados absorvidos e fundidos na nova ordem. Amor da pátria é crime. Todas as filosofias proscritas, exceto a escolhida pelos Senhores do mundo. Literatura, drama, história, ciência, deturpadas e postas a serviço da filosofia eleita. O passado deve ser varrido da nossa mente.

O objetivo e a audácia deste programa provocaram risos. Por alguns anos os povos do ocidente assistiram com curiosa tolerância à propaganda destas idéias novas, e confiantemente afirmavam: "é um fenômeno eslavo, que não pode ocorrer entre nós".

Em Moscou, Berlim e Roma, a propaganda adquiriu os foros de arte refinada e passou a constituir a base da ação política, interna e externa, das nações. Dentro de pouco tempo começou a produzir dividendos. Imediatamente os intelectuais e patriotas que perceberam o perigo desta propaganda foram ignorados ou ridicularizados com os epítetos de retrógrados, reacionários ou traidores.

Os povos de boa vontade dão a vida na defesa daquilo em que acreditam. Quando os ideais são grandes, bons, nobres, os homens farão milagres para alcançá-los e defendê-los. As idéias são instrumentos poderosos e quando têm fundo religioso, moral, ético, legal ou científico, tornam-se invencíveis. Quando tais idéias são convenientemente apresentadas, com frases grandiosas e símbolos imponentes, especialmente quando trazem um odor social, político ou econômico, elas constituem, como já foi dito, o que chamamos — Ideologia.

Convenientemente depositada em terreno propício, adubado pelo descontentamento, frustração ou inveja, a ideologia adquire imensa energia cinética.

Consideradas sob o ponto de vista histórico, as ideologias podem ser boas ou más, podem produzir o bem ou o mal. Mas, constituíram sempre uma potente e poderosa força motivadora dos movimentos sociais.

A grande batalha que se trava nos nossos dias é entre a ideologia comunista e a democrática, e a arma básica, preponderante, extremamente poderosa, é a *propaganda*.

Vivemos a todo o instante sob a ação da propaganda. Usamos a propaganda, a julgamos boa e honesta quando atende aos nossos propósitos.

Quando nos contraria, damos-lhe o sinônimo de mentira. Tôdas as idéias que nos são apresentadas e consideramos más, perigosas, sinistras ou subversivas, dizemos ser propaganda.

A propaganda é sempre considerada boa pelos que a usam, mas não é necessariamente má para aquêles que a recebem.

É assim a palavra propaganda incorporada ao rol dos vocábulos de sentido múltiplo, tornando difícil caracterizar precisamente o que por ela se designa.

O termo propaganda é de origem latina. Vem da palavra "propágo", termo agrícola, que designava o mergulhão, ou ramo da videira enterrado no solo para ganhar raízes e reproduzir a planta. Daí decorreu o verbo "propagáre", empregado para designar a ação de reproduzir por mergulhia. Nesta acepção aparece em Catão, e Plínio, "o Antigo".

Cícero foi o primeiro a empregar o termo no sentido geral de reproduzir, multiplicar, espalhar. Encontramos esta acepção na "República" de Cícero. Neste sentido figurado a palavra se manteve em todos os escritores latinos posteriores a Cícero, e chegou até ao latim moderno. No ano de 1622, o Papa Gregório XV criou uma Congregação para a propagação da fé, que em latim se designa "Congregatio de Propaganda Fide". O trabalho dos missionários ligados a esta obra tornou a Congregação conhecida em todo o mundo civilizado de então. Os protestantes no século XVIII se organizaram da mesma forma, dando a designação de propaganda às atividades de seus ministros. A mais notável foi a sociedade para Propaganda do Evangelho nos Países Estrangeiros, criada pela Igreja da Inglaterra em 1701, que muito influiu na formação religiosa das colônias inglesas da América, hoje os EEUU.

Até 1850 só se falava de propaganda em termos de pregação religiosa.

Posteriormente começou a ser usado este termo, para designar toda e qualquer ação que visava propagar novas doutrinas, sistema filosófico, civil ou religioso.

Gradualmente a palavra se firmou e foi se vulgarizando. Mas, nas enciclopédias anteriores a 1920 a palavra "propaganda" não figurava.

Durante e após a Primeira Grande Guerra o termo perdeu a sua acepção religiosa e passou a designar qualquer pregação falsa ou mentirosa, de origem desconhecida ou velada. Este sentido pejorativo ainda perdurará na mente de muitas pessoas, embora já não seja correto.

A propaganda, no sentido geral, é entendida como sendo a expressão de opinião, ou a ação de um indivíduo ou grupo de indivíduos, deliberadamente destinada a influir nas opiniões e ações de outros indivíduos ou grupo, visando a um fim determinado.

A propaganda visa impor alguma coisa, sem admitir o exame cuidadoso, ou crítico, da matéria exposta.

Psicologicamente falando, a propaganda é a tentativa organizada de influenciar a opinião pública, em favor de um interesse especial, por meio da sugestão.

Esta definição tem três partes: a propaganda visa influir na opinião pública, isto é, a opinião de muitas pessoas; há sempre um interesse especial motivando a propaganda, que representa um objetivo emocional de grande conveniência para os propagandistas; a propaganda depende do uso da sugestão.

Argumentação livre, com apresentação de todos os aspectos do assunto, não é propaganda.

A conclusão alcançada com pleno conhecimento de causa não é produto da sugestão. Sugestão é o processo de chegar a uma conclusão com parte apenas do nosso equipamento mental. Ela implica na ausência de autodeterminação completa.

Há uma certa tendência a dar à propaganda o sentido de educação. É comum se designar como propaganda aquilo que nos desagrade, e como educação o que está conforme com a nossa opinião.

Não há dúvida que muita propaganda se processa sob o rótulo de educação, principalmente nos regimes ideologicamente conscientes, naqueles em que a ideologia predominante é totalitária, o sistema educacional se transforma em tremenda máquina de propaganda.

Mesmo os livros elementares, como os que ensinam a ler, escrever e contar, são deliberadamente tendenciosos.

O doutor Ley, Ministro da Educação ao tempo de Hitler, dizia, referindo-se à juventude e confundindo educação com propaganda:

"Não é ciência e conhecimento o que eles precisam, mas apenas educação para os tornar obedientes ao líder... Eles não precisam aprender, nem precisam pensar, pois sempre que pensam o mal lhes vem à mente".

A educação difere da propaganda porque procura dar ao estudante todo o conhecimento disponível sobre determinada matéria. Procura mostrar tôdas as áreas em controvérsia e as soluções várias para um mesmo problema. Procura a educação suprir o aluno com marcos éticos e morais que o guiem e habilitem a pensar racionalmente, e nunca agir como um "robot".

Dá-lhe referências pelas quais se avalia a si próprio, ao seu próximo, à sua comunidade, à sua pátria, em termos de outras nações, outras pátrias e outras épocas.

É altamente suspeita esta confusão deliberada entre educação e propaganda.

A democratização e a socialização das nações obrigou os governos ao uso intensivo da propaganda. Os governos tornaram-se conscientes da necessidade de formar opinião pública favorável a suas políticas, tanto internas como externas. Com a crescente importância da opinião pública e com a íntima correlação, que se tornou necessária, entre a política interna e a política externa, a propaganda extravasou as fronteiras nacionais e hoje as nações procuram obter apoio da opinião pública estrangeira para as suas políticas. A moderna tecnologia, juntamente com a diplomacia clássica e a compreensão da importância dos fatores psicológicos, tornou a propaganda arma poderosa na mão dos estadistas. Tôdas as nações que realmente querem sobreviver, isto é, que se preocupam realmente com a sua Segurança Nacional, criaram serviços de propaganda dispendiosos, complexos e vastos.

Na Inglaterra foram tomadas as primeiras medidas, para criar um órgão nacional de propaganda, em 1934, sob o impacto das atividades nazistas e fascistas que punham em perigo os interesses ingleses no exterior. Nessa ocasião foi criado um Conselho Britânico para as relações culturais com outros países, o Departamento de Notícias do Foreign Office foi ampliado e a BBC iniciou a irradiação de programas para o exterior. Durante a Segunda Guerra Mundial o serviço de propaganda assumiu um papel importante nas atividades nacionais inglesas. Em tempo de paz a propaganda inglesa é de caráter utilitário, dedicando-se a criar um sentimento de fé e confiança na Inglaterra. Apresenta os fatos sob o ponto de vista dos interesses ingleses.

A política de propaganda é formulada no Conselho de Ministros e o Ministro do Exterior é o responsável por toda a propaganda fora do território metropolitano. Juntamente com estas atividades ostensivas os ingleses adquiriram jornais estrangeiros, usam agências de informações e notícias, operam serviço próprio de rádio, mais ou menos clandestino, e usam agentes para espalhar boatos e rumores. Estes recursos são eficientes, e tem produzido bons resultados. Constituem implementos da luta psicológica e estão engajados no que se denomina "guerra fria".

Nos Estados Unidos começou-se a tratar de um serviço nacional de propaganda em 1939. No início da Segunda Grande Guerra foi criado

o CWI, Office of War Information, que controlava o programa "Voz da América".

Funcionou, interna e externamente, apoiando o esforço de guerra e a política nacional. Cooperou com os exércitos aliados na guerra psicológica e auxiliou o OSS, Escritório de Serviço Estratégico, na promoção de movimentos clandestinos nos países ocupados. Há um escritório anexo ao do Coordenador de Negócios Interamericanos, que se ocupa com a propaganda na América Latina.

Atualmente, todos os serviços de propaganda não militar estão sob o controle do Departamento de Estado.

Os serviços americanos utilizam o rádio com programas especiais; o cinema e a imprensa, com material documentário e informativo; os centros de informações e as bibliotecas, onde se distribuem livros, jornais e revistas; os programas de intercâmbio de alunos e professores, que constituem dos mais eficazes recursos da propaganda.

A máquina de propaganda soviética torna ridículas, as organizações dos demais países, quando as comparamos. A "Agitprop" é o órgão Central que dirige toda a propaganda, diretamente subordinado ao Comitê Central do Partido Comunista. Trabalham como empregados do serviço de propaganda russo cerca de um milhão de pessoas no território soviético. Considerados os agentes de outras nações socialistas e os serviços de propaganda dos vários partidos comunistas, estima-se em 10 milhões de pessoas que têm como atividade principal fazer propaganda político-ideológica, pró "soviets".

Para a propaganda russa no exterior são empregados cinco canais principais: (1) rádio e imprensa, (2) missões diplomáticas e de outras naturezas, (3) recursos locais dos partidos comunistas, (4) organizações nacionais e internacionais, diretamente dirigidas de Moscou, (5) delegação russa na organização das Nações Unidas. Estes canais são empregados no sentido de criar opinião pública favorável às políticas russas, sendo todos eles duplicados por uma organização ostensiva e outra clandestina.

Não são somente as potências citadas que dispõem de máquina de propaganda. Outras nações, grandes e pequenas, como a China, o Japão, a França, a Alemanha Ocidental e Holanda, têm seus serviços organizados e nêles confiam para o bom êxito de suas políticas e defesa de seus interesses.

CONCLUSÃO

O Poder Nacional é a expressão de capacidade de sobrevivência de uma nação. Todas as Nações têm como Objetivo Nacional Permanente a preservação de sua vida autônoma e independente. Se não dispuserem de Poder, para a consecução de seus objetivos, elas perecerão e fatal-

mente serão absolvidas por outras nações que com elas competem. Os fatores psicológicos constituem a essência do Poder: êles estão na sua origem e são a fonte de sua vida. Não se admite mais que uma Nação permaneça indefesa à mercê das ações psicológicas estrangeiras. De nada adiantam o Poder Econômico e o Poder Militar se o Poder Político, apoiado pelo Psico-Social, não puder conduzir, com honestidade e firmeza uma política esclarecida de Segurança Nacional.

É imperioso, é urgente, é necessário, que no nosso país se organize um sistema de controle, vigilância e de contramedidas que neutralizem a ação da propaganda, instrumento da guerra psicológica que se trava no mundo em nossos dias, e na qual estamos envolvidos, seja no campo externo, seja no campo interno.

A qualquer observador menos atento não pode passar despercebida a ação sistemática da propaganda conduzida, em nosso país, pela imprensa, pelo rádio e pelo livro, por grupos de pressão, interessados em criar ilusórios movimentos de opinião a favor de suas conveniências, em detrimento dos mais altos interesses da pátria, com prejuízo da paz pública e, principalmente, com grande risco para a Segurança Nacional.

BIBLIOGRAFIA

- PSYCHOLOGICAL WARFARE — Paul Linebarger;
LA GUERRE PSYCHOLOGIQUE — Maurice Mégret;
PSYCHOLOGICAL WARFARE — U. S. Army — 1961;
PSYCHOLOGICAL ASPECTS OF GLOBAL CONFLICT — I. C. A. F. — 1960;
COMUNISMO Y MIEDO — T. Maulner;
TOTAL WAR AND HUMAN MIND — A. M. Meerloo;
MANIFESTO DEMOCRÁTICO — Ferdinand Peroutka;
INTERNATIONAL POLITICS — Padelford and Linedn;
PRÉCIS DE PHILOSOPHIE — Armand Cuvillier.

